



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

OS LUSO-PORTUGUESES. ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA.

CASTRO, Domingos Leite de

Ano: 1889 | Número: 6

Como citar este documento:

CASTRO, Domingos Leite de, Os Luso-portugueses. Esboço de uma história. *Revista de Guimarães*, 6 (1) Jan.-Mar. 1889, p. 5-19

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

OS LUSO-PORTUGUEZES

Esboço d'uma historia

(Continuado do vol. anterior, pag. 186)

II

Os Ligures — descoberta e colonisação da Europa (SEC. XVI A XII A. C.)

Sobre esta primeira cruzada de povos, autochtonos ou não, descendentes talvez das raças quaternarias da peninsula, selvagens da idade da pedra lascada, troglodytas e caçadores, a que hypotheticamente chamaremos os Iberos, vieram, dos lados do mar, novas gentes, empregando instrumentos de pedra polida e já conhecedores do bronze, dotados de caracteres anthropologicos e sociaes eminentemente superiores, que demonstram a sua procedencia ariana. D'onde vinham?

A prehistoria indica-nos a região constituída pela Asia Menor, a America e o Caucaso, como o ponto d'onde a invasão brachycephala se encaminhou para a Europa, trazendo consigo os animaes domesticos, a agricultura, a religiosidade (Mortillet). As tradições mais venerandas da humanidade e as induções scientificas mais cautelosas dos monogenistas (Fr.

Lenormant e Quatrefages) apontam-nos como berço da humanidade outra região mais afastada, de que é centro o espaçoso planalto de Pamir, perfeitamente adequado á sustentação de populações primitivas ainda no estado pastoral (Lenormant).

Da Bactriana os Arianos do sudeste desceriam para o Indo, pelos valles de Cachemira, sobre populações mais antigas, os negros e os amarellos, que avassallaram (Em. Burnouf); outros, quebrando para oeste, iriam estabelecer-se na Aria antiga, onde tinham o seu principal centro ainda pelo anno 2000 a. C. (Renan); mas já a esse tempo as vanguardas d'esta raça, conquistadora e progressiva, tinham continuado a sua derrota para aquella região que a anthropologia, a archeologia e a historia designam.

Ahi viram pela primeira vez o mar (Mommsen), ahi estacionaram por muito tempo, elaborando em commum os elementos primordiales da sua civilisação, os progenitores de Thracios, Ligures e Gregos; assim como os dos Celtas, Germanos e Slavos, que em levas muito posteriores haviam de estender-se pelo norte, centro e nascente.

D'ahi partiram, atravessando o Bosphoro, forçados pelo excesso da sua população ou por outros motivos que se ignoram, motivos aggravados talvez por essa ambição insaciavel da novidade e do melhor, que é sem duvida a demonstração mais categorica da sua superioridade ethnica, ambição que nunca os abandona, e que parece destinal-a a substituir-se em todo o mundo ás populações primitivas.

Occuparam primeiramente a Thracia; projectaram depois os ramos de Ligures, que se encaminharam pelo Danubio para o occidente, e um dos quaes se estendeu pela Italia; por ultimo os Gregos foram tomando para si a peninsula, em que a raça tanto havia de brilhar ao contacto frequente das velhas civilisações orientaes.

Sabe-se que as primeiras immigrações na Italia se fizeram seguindo o Apennino (Mommsen), na Grecia igualmente por terra e pelo norte desde a Thracia ao cabo Tenaro (Curtius); hoje, depois dos trabalhos do snr. Sarmiento, que reivindicou definitivamente para a historia, não só a existencia e integridade do povo ligur, mas tambem a memoria das suas migrações, pôde traçar-se com identica precisão o seu trabalhoso itinerario para o occidente.

Antes porém de proseguirmos, convém definir precisamente o que deve entender-se por *povos ligures*, no modo de vér do snr. Sarmiento e em conformidade com os escriptores mais

antigos. Os *Ligures* são uma multidão de tribus de raça ariana, mais ou menos proximamente aparentados com os Gregos, mais ou menos extensas e com autonomia propria, usando nomes especiaes e entre estes o mesmo de Ligures, tribus estas que se derramaram em successivas migrações pelo occidente e sul da Europa, e a quem os Phenicios generalisaram essa denominação, pela quasi identidade de caracteres ethnicos, que ellas apresentavam com os Ligures do Mediterraneo (primitivo ethnico dos Siculos e outros da Italia), os primeiros que conheceram e os mais genuinos representantes do grupo.

O itinerario, que seguiram, encontra-o o snr. Sarmento identificando, por uma fôrma sufficientemente comprovada, o *povo ligur* com o dos dolmens, e assim vemos que elle «vem do Oriente, apparece nas margens do Baltico, vai descendo pela costa occidental da Gallia, occupando as ilhas fronteiras, Inglaterra e Irlanda, e continúa a desenvolver-se pelo littoral do norte da Hispanha, pelo littoral do poente, pelo littoral do sul até os confins da actual Andaluzia, onde pára»¹; até que atravessado o estreito, se lança pela costa septentrional da Africa até Constantina, e são provavelmente os povos que, sob o nome de Mashaushas (os Maxyes de Herodoto? pergunta o snr. Sarmento) apparecem na colligação contra o Egypto, talvez do seculo xiv, em tempo de Meneptah I (Maspero).

Além d'estes verdadeiros monumentos da sua passagem, a Argonautica phenicia, cuja restauração, no seu systema organico e em muitos dos factos que documentára, o snr. Sarmento fez ultimamente, tambem mostra que «ao longo do Danubio e do Rheno tinha ficado uma série de colonias da mesma familia dos Albiões»², povos incluídos na denominação generica de *Ligures*; e, da mesma fôrma, varias tradições relativas aos Ombrios e aos Arvernos, tambem da mesma familia, assim como o itinerario provavel dos Ligures do Mediterraneo, do alto Danubio pelo Rhodano para a Sicilia e Italia, permitem estabelecer que o mesmo succedera pelas margens do Rhodano³.

¹ Snr. F. Martins Sarmento — *Os Lusitanos*, pag. 22 e n.

² *Os Argonautas*, pag. 217.

³ *Ibidem*, pag. 218.

Davam-se estes factos quando, na phrase da Argonautica phenicia, « ainda a raça de Deucalião não tinha vindo ao mundo, e na Grecia apenas habitavam os Arcades Apidanos », isto é, proxivamente pelo seculo xvi a. C. ¹ (data da chegada dos Albiões á Inglaterra) e pelo seguinte. É do seculo xv que o snr. Evans conta o principio da época do bronze na Inglaterra ². É no seculo xv que, segundo os documentos egypcios, os arianos da corrente do sul têm já occupado a Sicilia ³. São do seculo xv, segundo Mortillet, as palafittas do lago de Neuchâtel. É igualmente pelo seculo xv, conforme se crê geralmente, que no sudoeste da Iberia succedeu o facto de que Thucydides recolheu a tradição, « mostrando-nos os Iberos das proximidades do rio Sicânos fugindo na direcção de poente a nascente diante de uma subita invasão de Ligures ². »

Este foi o primeiro passo, o da conquista, no estabelecimento da futura e notavel civilisação dos Tartessios, com a dos Cynetes a mais florescente de toda a Hespanha (Lenormant), e que, já no tempo de Strabão, exageravam as suas pretensões até attribuirem á litteratura do paiz a fabulosa antiguidade de seis mil annos ⁵; esta é a época a que se refere a tradição de Habis, rei dos Cynetes, o introductor da agricultura no sudoeste da Hispanha, o organisador politico, que distribue o seu povo por sete cidades ⁶.

A vitalidade d'estas e outras tradições nacionaes, que os Phenicios encontraram entre os Tartessios e os Cynetes, posteriormente aproveitadas por Gregos e Latinos nos seus livros de historia e de viagens, e ainda outros factos a que temos de referir-nos no capitulo seguinte, fazem-nos admitir que a immigração ligurica, correndo a costa, se accumulára no sudoeste da Iberia, onde a sua civilisação mais floresceu, quer em virtude d'essa mesma accumulção, quer ao impulso dos commerciantes de Tyro, que dos seus portos fizeram a estação principal do seu commercio no occidente. Seja porém como fôr, o facto é que os Phenicios encontram logo na sua primei-

¹ Ibidem, pag. 216-7, 219, etc.

² Ibidem, pag. 221, n.

³ Ibidem, pag. 219.

⁴ Ibidem, pag. 222.

^{5 e 6} *Os Lusitanos*, pag. 26 e 27.

ra chegada ao sul da Iberia os Tartessios, a nascente do Guadiana, e a poente, occupando o moderno Algarve, e talvez já o moderno Alemtejo até ao Sado, pouco mais ou menos, os Cynetes.

Quanto á parte restante, a maior e superior da faxa occidental da península, aquella de cuja historia mais interessaria a um minhoto conhecer todas as particularidades, a primitiva Argonautica e os periplos phenicios, unicas fontes da historia escripta da época, pouco nos deixam adivinhar e antes encobrem, segundo o uso d'aquelle povo monopolizador, as melhores informações. Comtudo poderemos suppôr que ficaria já effectuada n'este periodo de quatro seculos a entrada no occidente da Iberia de quasi todas se não todas as tribus, que no periodo seguinte veremos fixadas e dominando em vastas regiões, quasi perfeitamente delimitadas; assim como a dos Paetanos, cujo nome o snr. Sarmento aproxima hypotheticamente do dos Vettões, e que, ao principio humildes, encontraremos mais tarde em diverso logar e com uma autonomia e territorio distinctos ¹; assim como os Oëstryrnidos, povo que passa como uma sombra, n'um phantastico exodo, perfeito exemplar d'essas translações de povos, que fazem um cahos de factos unicos e imprevistos da historia das populações primitivas, e nos deixam adivinhar a sua vida de lucta com a natureza, de guerras e migrações ². O movimento e a entrada de tribus continuaria assim por muito tempo, e tanto por mar como por terra; porque as tradições dos Cambrios auctorisamos a suppôr que, além das primeiras, novas tribus da mesma progenie, atravessando a Gallia, vieram por vezes reforçar a primitiva colonisação ³.

Temos pois que, pelo seculo xv a. C., o mundo ligurico, que mais tarde havia de tomar o nome do mundo latino, abraçava já com as suas colonias e os seus barcos de couro, semeados por todo o littoral, desde o Baltico e o Mar do Norte pela Gallia e a Hispanha até á Italia inclusivê, o corpo da velha Europa quaternaria, ao mesmo tempo que a atacava no co-

¹ *Ora Maritima*, pag. 51, n. 39.

² *Ibidem*, pag. 67, 74, 81.

³ *Os Argonautas*, pag. 222, n. 18.

ração pelas vias fluviaes do Danubio, do Rheno, e do Rhodano, essas grandes arterias commerciaes.

Por ella toda entrou logo a circular a vida, que acompaña sempre a raça ariana, á tomada de posse de cada novo continente, e d'esse facto, em contraste absoluto com o tempo passado, restam os documentos na Argonautica phenicia e nas tradições gregas. Dos pios Hyperboreus, que habitavam no noroeste da Europa, sabe-se por Herodoto e Hecateu d'Abdera, que mantinha estreitas relações com os povos gregos, principalmente religiosos; que, por emissarios proprios, mandavam as suas offerendas sagradas, quando as não remetiam de mão em mão, através d'essa cadeia de colonias irmãs que marginalavam o Rheno, o Rhodano e o Pó, por Dodona e Eubea até Delos, ao santuario de Apollo. Pelo Rheno e Rhodano se fazia o grande commercio do estanho e do ambar para o Mediterraneo, por onde os Phenicios tiveram conhecimento dos ricos jazigos da ilha dos Albiões. Por todo o occidente, desde a Inglaterra até a Hispanha, o movimento commercial era igualmente intenso, e as relações de familia, que entre si travaram os regulos e as tribus occupantes d'essa extensa costa, mantinham-se, como vimos, despertás na memoria de todos, se se não renovavam frequentemente.

Tal é o estado florescente em que, tres seculos depois da descoberta e do principio da colonisação, os Phenicios vêm encontrar o mundo ligurico. Procedendo com elles como procedemos com os nossos remotos antepassados, investiguemos as origens, o caminho e os processos d'estes estrangeiros.

III

Os Ligures no periodo phenicio (SEC. XII A VI)

Quando, pelo anno 2000 a. C., os povos arianos tinham o seu principal centro na Aria antiga, o assento da raça semitica era na Arabia, menos arida então do que hoje. D'ahi partiram todas as migrações e invasões que alargaram o dominio da raça, e essa foi tambem a proveniencia dos Phenicios (Renan).

No littoral de oeste e sul e nas ilhas do Golpho Persico,

principalmente nas Bahreïn, viviam já em tempos muitos remotos algumas tribus, das quaes, diz Renan, não haver vestígios de terem sido nômadas, e que, favorecidas pelas circumstancias, se haviam tornado habeis na arte de navegar e souberam enriquecer no commercio da India. As suas caravanas, atravessando o deserto, chegavam até ás praias do Mar Vermelho e d'ahi introduziam-se no Egypto. Um dia, impellidos provavelmente pela aproximação de novas populações invasoras, envolvidos no movimento geral da raça, que produziu a irrupção dos Pastores no Egypto, abandonaram os seus santuarios de Tsur (Tyro) e Arad, e passaram-se para a Syria, estendendo-se ahi ao longo da costa desde a ilha de Ruad até Jaffa (Maspero). Eram os *Kanaani*, Cananeus, consoante a si mesmos se chamavam, a quem os Gregos deram posteriormente o nome de *Phenicios* (Renan).

Pelo espaço de muitos tempos continuaram navegando e negociando por mar, emquanto por terra iam fortalecendo o seu dominio, fundando muitas cidades. Estas, reunindo-se em grupos desiguaes, vieram a formar pequenos estados independentes, tomando, ora uma ora outra d'essas cidades, uma certa hegemonia em todo o paiz.

A primeira d'estas cidades-capitães foi Gebel (a Byblos dos Gregos), que as circumstancias compelliram a attender principalmente ao alargamento do seu territorio, sujeitando os seus vizinhos mais proximos e desamparados. Das suas colonias maritimas restam raros vestígios. O seu dominio obscuro vai talvez até ao tempo da expulsão dos Pastores e á reacção que levou os Egypcios a constituirem o seu imperio da Syria, ahi pelo seculo xvii. Os Gebelitas submeteram-se quasi sem combate e continuaram despreocupadamente a navegar, a commerciar e a piratear (Maspero).

Com o enfraquecimento de Gebel eleva-se Sidon. Os Sidonios desenvolveram largamente o seu commercio por terra e a sua colonisação maritima. Por terra, as suas caravanas percorriam todos os caminhos que para o oeste se dirigiam dos grandes mercados do extremo oriente, da India, da Bactriana, da Chaldea, da Arabia, do Caucaso. Por toda a parte se tinham estabelecido nos pontos mais favoraveis do commercio, occupando os vaus dos rios e os desfiladeiros das montanhas. Por mar, cobriram de cidades e feitorias suas o Ponto-Euxino, o Mar Egeu e o Mediterraneo, até pelo norte á ponta meridional da Italia, e pelo sul á costa fronteira da Africa.

A sua politica com os Pharaós foi a mesma. Consolavam-se

sem difficuldade, diz Maspero, da perda da sua independencia, pensando que o pagamento voluntario d'um tributo custava menos caro do que uma guerra, e sobretudo explorando o monopolio de todo o commercio do Mediterraneo, de que se tinham apoderado, fazendo os negocios do Egypto por conta dos estrangeiros e os do estrangeiro por conta do Egypto. Tinham assim desenvolvido extraordinariamente a sua marinha e chegado ao mais alto ponto de gloria e riqueza pelos seculos xvi a xv, quando pela Europa occidental se effectuava a colonisação ligurica.

A importancia de Sidon começou a declinar com as primeiras demonstrações da vitalidade nacional dos Gregos, cerca do seculo xiv, quando Minos fundou o seu reino de Creta, limpando o Mar Egeu dos piratas phenicios; mas o golpe fatal deram-lh'o os Philisteus no seculo seguinte, sob o commando de Ascalon, derrotando-lhe a esquadra e tomando a cidade. Com este desastre eleva-se Tyro, a grande e afamada metropole da Phenicia, para onde a aristocracia de Sidon tinha corrido a refugiar-se.

Não vêm agora ao nosso intento as particularidades da historia interna d'esta nova capital, tão cortada de invasões estrangeiras e atormentada de dissensões civis. O que presente-mente nos importa é só deixar consignado que, apesar de todas as circumstancias adversas, este povo negociador e pirata proseguiu sem descanço e com a mesma admiravel fortuna, sob a hegemonia de Tyro, no alargamento dos seus dominios e da sua esphera commercial, procurando sempre novos mercados e desenvolvendo cada vez mais o seu enorme imperio colonial, por todo o resto do littoral do Mediterraneo, do lado da Africa e do lado da Europa, até ás costas meridionaes da Iberia, onde afinal se estabelecem pelo seculo xii (Maspero).

Mas, chegados aqui, não os acobardaram os perigos do Atlantico, e, tão ambiciosos como activos e audazes, continuaram ainda através de todos os obstaculos e incertezas do *mar tenebroso*, ao longo do littoral do norte, á procura da ilha mysteriosa, da qual, nas suas colonias da foz do Rhodano, tinham ouvido que era a grande exportadora do estanho, que por ahi chegava ao Mediterraneo.

A descoberta das memorias que nos restam d'esta viagem, assim como o traçado do seu itinerario, isto é, a destrinça das realidades d'entre o acervo de ficções poeticas e a inversão dos factos, com que a poesia grega engalanou, adulterando-o, o ve-

lho roteiro phenicio, que a registava, seria sem duvida alguma a obra capital do snr. Sarmento, se a primeira não fosse inquestionavelmente a mesma determinação scientifica da ethnologia do occidente da Europa, e portanto da Lusitania, de que esse trabalho não é mais que um capitulo, embora seja de facto o mais arrojado de concepção e o mais opulento de sciencia e de critica.

Segundo os resultados a que chegou o distincto ethnologo e archeologo incangavel, os Tyrios aportam primeiro a Gades, ou a Tartesso, ou a ambas, e da segunda vez a Onoba, onde colhem noticias exactas sobre o caminho para a mysteriosa ilha que procuravam. Tendo sabido insinuar-se na confiança dos indigenas, pelos serviços que lhes prestaram, encontram nos regulos da terra, quando pela terceira vez chegam á Hispanha, resolvidos a proseguir na empresa, todo auxilio para os ultimos preparativos e, o que mais lhes importava, praticos do novo mar, que os guiassem. Por esta fôrma dobram o Cabo de S. Vicente e vão seguindo o littoral para norte. Noticias relativas á costa não ficaram nenhuma positivas da relação original da viagem. Sabemos só que, d'um ponto ignorado, para cá da Corunha, os praticos tartessios se fazem substituir por outros.

Da Corunha para o canal da Mancha a viagem era a direito, com o fim de evitarem-se os perigos do Golpho de Gasconha, e foi essa audaciosa travessia que os praticos aconselharam aos Phenicios, indo aportar, em virtude d'uma tempestade, ao sudoeste da Inglaterra. D'ahi dirigiram-se seguidamente para Ea, a terra do estanho, o logar do seu destino, onde, recebidos ao principio com desconfiança, são por fim rancorosamente perseguidos pelo regulo da terra, que, irritado com as intrigas semeadas por elles entre os naturaes, lhes toma a passagem do Passo de Calais. Impossibilitados assim de voltar pelo caminho que tinham trazido, fogem para a foz do Rheno, onde, sendo cercados, têm artes de se livrar, e, abandonando a nau, que os levára, demasiado poderosa para o effeito, sobem rio acima nos barcos de couro fornecidos pelos naturaes, e, descendo pelo Doubs e Rhodano, concluem os seus trabalhos heróicos, entrando de novo no Mediterraneo ¹.

¹ Ibidem — especialmente o cap. x e as cartas ao fim do vol.

Esta viagem, a primeira, a que lhes abriu o caminho para o occidente, pela audacia de que deram prova, pelos perigos que venceram, pelas riquezas que descobriram, foi talvez a proeza que mais afagou o orgulho nacional e mercantil do povo phenicio, com certeza aquella que, ingenuamente appropriada pelos Gregos, cantada ao som da harpa, foi o encanto de muitas gerações e a viagem maravilhosa dos tempos antigos. Viagem de exploração commercial (a poetica lenda do vello d'ouro!), ao mesmo tempo que lhes descobria o caminho dos grandes mercados do occidente e lhes fazia conhecer os povos que os serviam, correra-lhes tão feliz, que até os proprios desastres com que a effectuaram, lhes forneciam os conhecimentos geographicos e estrategicos necessarios ao estabelecimento do seu dominio commercial e á guarda ciumenta do novo thesouro, em que usava comprazer-se a sua avidéz.

Toda essa região, que se rasgava largamente diante da sua cubiça, tinha unicamente dois caminhos para o Mediterraneo, e portanto para aquelles paizes onde as grandes civilizações do tempo haviam creado maiores necessidades economicas; e esses caminhos, o Atlantico e o Rhodano, seguravam-nos os Phenicios nas mãos pelas colonias que ahi haviam préviamente estabelecido. Era essa a primeira vantagem.

Por outro lado, as suas grandes naus, de duas ordens de remos, armadas de velas e do competente esporão, que se tornavam formidaveis machinas de guerra e de commercio, impunham-se aos pobres remadores dos barcos de couro, pela maior facilidade dos transportes e pela força de que dispunham, de tal fórma que elles não serviriam a mais do que a alimentar aquelles e ás pequenas e mais proximas relações dos naturaes entre si. D'aqui o monopolio da grande navegação e do commercio com o resto do mundo, em beneficio dos piratas tyrios.

Da forte impressão produzida no mundo ligurico do occidente por essas grandes construcções navaes, identica á produzida nos frequentadores do Golpho Persico pelos mesmos navegadores, quando para ahi transportados por Sinakkèrib (Maspero), resta o echo na Argonautica de Apollonio, onde se contém, como é sabido, toda a Argonautica historica. Argos descreve assim a formidavel machina:

« Fabricou-lhe o baixel Pallas, diverso
D'esses que lavram Colchicos artistas,
De que nos coube o pessimo de todos,

Pois tão facil o vento e mar insano
 O descoseram logo; mas aquelle
 Inteiro ficará, inda que venham
 Cahir sobre elle as tempestades todas:
 Vai tão ligeiro quando o leva o vento
 Como quando os Heroes, que n'elle embarcam,
 Com força e sem descanço os remos batem ^{1.}»

Estas considerações, juntas ao conhecimento do genio, do poder e dos processos d'este povo, se não foi completamente inutil ao leitor, não versado n'estes assumptos, a pequena exposição que fizemos da historia da Phenicia; juntos ao conhecimento do ciume com que elle guardava o accesso dos caminhos do occidente, principalmente o do Atlantico (sem duvida o melhor dos dois a todos os respeitos), pois que as suas embarcações chegavam a fazer-se naufragar para o não darem a conhecer dos navios estranhos que os seguiam, quando os não podiam metter a pique, e que esse sacrificio valia em Tyro premios ao capitão prudente e dedicado ²; estas considerações, dizemos, facilmente nos levam a crêr que o dominio commercial de Tyro nos mares e portos do occidente, se podia estimular a industria e commercio do mundo ligurico tanto quanto isso fosse conveniente aos Tyrios, havia igualmente de sujeital-os aos vexames d'uma exploração nunca saciada, e, peor ainda, havia de conserval-os n'uma completa ignorancia do que se passava na região do Mediterraneo, o foco da civilização antiga. Os Hyperboreus continuam mandando para léste as suas offerendas ao templo de Apollo; mas estas relações mantidas por caminhos e processos difficeis, embora vivas na piedade de todos, não podiam crear um systema de trocas tão completo, que interessasse todo o organismo do povo do occidente. Exploração friamente calculada, o mysterio que envolve os paizes do littoral do Atlantico e do Mar do Norte, aos olhos dos seus irmãos meridionaes, não póde ter outra origem até o seculo vi.

Ainda assim, os seus roteiros alguma coisa nos deixam adinvinhar do movimento e das condições ethnographicas da pe-

¹ *Os Argonautas de Apollonio*, trad. de J. M. da Costa e Silva, pag. 134-5.

² Snr. Sarmiento — *Os Lusitanos*, pag. 24, n. 47.

ninsula n'este longo periodo de seis seculos. Embora feitos com o calculo interesseiro de quem não quer que a luz, que o illumina, illumine a outros, é d'essas rapidas notas de viagem, só comprehensíveis para os iniciados, unicas memorias escriptas do tempo, sobre as quaes os poetas e geographos bordaram as suas phantasias e cuja restauração devemos ultimamente ao nosso sabio conterraneo, que unicamente podemos inferir as apagadas noticias de poucos factos.

O periplo carthaginez do seculo vi sobre que Avieno escreveu a sua — *Ora Maritima* — e de que o snr. Sarmiento, na sua indefessa investigação dos periodos pre-historicos da nossa patria, fez um estudo importantissimo na parte relativa á costa occidental da Iberia, contém allusões a outros roteiros mais antigos, de procedencia phenicia, que nos permittem estabelecer alguns pontos historicos, raros marcos n'esta longa estrada de seculos.

Como deixamos indicado no capitulo anterior, é provavel que, á sua chegada, os Phenicios encontrassem já a norte dos Cynetes, por todo o littoral banhado pelo Atlantico e pelo Golpho de Gasconha, a nação dos OEstrymnidos. Que ahi estavam fixados, devemol-o inferir do facto, que a sua presença tinha dado já o nome á região (OEstrymnis). Vagueariam por todo elle, é todavia o mais provavel, dada a sua vastidão, e ter-se-hiam fixado, principalmente, nos sitios accessiveis ás embarcações, que ahi aportassem, vindas do norte, das ilhas dos Albiões e Hibernos (Inglaterra e Irlanda), ou do sul, dos Tartesios e Cynetes. O certo é que a primeira menção d'este longo tracto de terra nos roteiros phenicios indica ahi a existencia d'este povo.

Um dia porém, segundo narra a lenda, a nação dos OEstrymnidos é accommettida por uma multidão de *serpentes*. Tomados de pavor, os OEstrymnidos acolhem-se aos seus barcos de couro e remam apressados para o norte. Que facto nos encobre a lenda? Iriam fugidos á invasão de novas tribus vindas de fóra, os Draganes por exemplo, ou antes á braveza d'uma natureza inimiga? Seriam estas as primeiras victimas d'um sólo que só se fez rico e fertil a poder d'um trabalho insano? O certo é que foram aportar ás peninsulas do sul da Inglaterra, as novas OEstrymnides, onde se estabelecem, e que n'ellas os Phenicios os conhecem e frequentam. A terra abandonada fica deserta, e d'ahi lhe veio o nome de Ophiusa, por que os estrangeiros a continuam nomeando, mesmo depois da sua repovoação posterior, ou como mera expressão geographica, ou

como quem não teve ainda occasião d'estreitar relações muito largas com os novos moradores ¹.

A repovoação far-se-hia provavelmente do sul para norte. Adverte-o o mesmo abandono da terra do Sado para cima e o facto ainda contemporaneo da accumulção da nova gente no sul da península, assim como os vestigios que os povos septentrionaes parece terem deixado ahi. As noticias que temos, pertencem porém já ao final d'este periodo, quando as nações da faxa occidental da península se acham por assim dizermos definitivamente fixadas, e nós não podemos fazer mais do que aproveitá-las, taes como nol-as offerece o roteiro carthaginez do seculo vi, sobre que trabalhou Avieno, e segundo a restauração não contradictada do snr. Sarmiento, salvando por esta fórma um espaço de tempo, para nós indeterminavel. Iremos vendo assim quaes os povos que a occupavam, assim como as suas consagrações locaes e as estações do seu commercio ao longo da costa.

Começando, como de razão, pelo sul, e deixando a nascente do Guadiana os Tartessios, que não interessam directamente ao nosso caso, encontramos primeiramente o florescente povo dos Cynetes, occupando o moderno Algarve e já sem duvida o moderno Alemtejo até o Sado. Na sua costa o roteiro conhecia o porto do *Ana*, tendo ao pé a *Cautes sacra* (cabo de Santa Maria) consagrada a Saturno; um *sinus*, outro porto (a bahia de Lagos) e n'este duas penínsulas, uma a *ilha Agonida*, onde hoje Portimão, outra a que lhe fica a poente, e na ponta do sudoeste o *Cyneticum jugum* (cabo de S. Vicente).

Dobrado este, e seguindo o littoral para norte, a primeira menção, que se encontra é a *ilha Achale*, onde vivem talvez os Pætianos, nas duas hypotheses dos snrs. Müllenhoff e Sarmiento, e é, a sul do porto aberto pelo Sado, a lingueta de terra onde hoje se vêem as ruinas de Troia. Estamos já na praia dos Cempses e Sæfes; aquelles separados dos Cynetes por uma linha que, do sul da bahia do Sado, se tire para nascente, habitam os altos dos montes ingremes; estes, não visinhando já com elles, podemos inferir que se devem procurar mais para o interior. Na sua costa, e para cima da ilha Achale, temos o *Cepressicum*, ou como outros querem o *Cempsi-*

¹ *Ora Maritima*, pag. 74 a 76.

cum jugum (cabo d'Espichel), cobrindo a entrada do Sado; acima a bahia e porto do Tejo, resguardado por um cabo inominado (cabo da Rocca); e por ultimo a *Pelagia insula*, dedicada a Saturno, ilha hoje desaparecida, provavelmente situada nas proximidades do porto do Vouga, e actualmente encravada no continente com a invasão das areias.

Do Douro, pouco mais ou menos, na mesma direcção, segue o paiz dos Ligures (actual Galliza e provincias do norte de Portugal), occupando o noroeste da península até ao paiz dos Draganes (hoje as Asturias). D'estes não temos que occuparnos, e mesmo no caso contrario pouco teriamos a dizer, pela mesma razão porque não nos occupamos dos Tartessios. Na costa dos Ligures, a primeira menção que encontramos no periplo carthaginez de Avieno, é o *Arvi jugum*, identificado com o monte Dôr entre o rio Lima e o Ancora; segue-se o *Veneris jugum* (cabo de Corrobedo), consagrado a Venus, e duas ilhas no porto da ria d'Arosa, defronte do Padron; na volta da costa para o Golpho da Gasconha um pharol do porto da Corunha, consagrado a Hercules ¹.

São pois estas tribus de Cempses, Ligures e Draganes, que, mais corajosas ou felizes, tomaram conta do paiz solitario, abandonado pelos Oestrymnidos, e com os Cynetes implantaram na faxa occidental da península a civilisação ariana, desenvolvendo aqui, n'uma autonomia propria, a sua industria, o seu commercio, a sua forte organização communal ². Da sua procedencia são os Cempses que deixaram mais clara noticia. Segundo Avieno, os Cempses viveriam primeiramente por Cartara, perto de Onoba, n'uma região onde, provavelmente depois da sua emigração, havia de sentir-se fortemente a influencia dos Tyrios, desde que as suas relações com os Tartessios se estenderam por todo o paiz d'estes. Quanto aos Ligures o snr. Sarmiento parece ser de opinião que elles vieram para aqui directamente do norte; comtudo certos factos auctorisariam a suppôr o contrario. «Um promontorio dos Tartessios tinha o nome de *ligustico*. O Tartessus, Baetis, nascia d'um lago *ligustico* e ao pé d'elle havia uma cidade *Lygistina*, cujos habitantes se chamavam *Ligures* ³.» Estas noticias, ao

¹ Ibidem, pag. 38-59, 64-6.

² *Os Lusitanos*, pag. 30.

³ Ibidem, pag. 26.

mesmo tempo que documentam a tradição de Thucydides, a que nos referimos no capítulo anterior, acrescentadas ás considerações, que já apresentamos, e ao desaparecimento d'esses Lígures do sul, levar-nos-hiam a suppôr que elles tivessem seguido o caminho dos Cempses, quando não os precedessem, como seria mais natural, se, dada a falta de noticias positivas, não devessemos abster-nos de hypotheses pouco seguras em assumpto de si tão obscuro.

D. LEITE DE CASTRO.